

O cerco ao Brasil

15 JUN 2007

JORNAL DO BRASIL



José Sarney,
ex-presidente da
República, senador e
integrante da Academia
Brasileira de Letras

D S T Q Q S S

O BRASIL SOFRE NA AMÉRICA DO SUL uma onda de hostilidade cujas motivações são absolutamente demagógicas e populistas. Nossa conduta com nossos vizinhos sempre foi exemplar. Esse quadro exige de nossa diplomacia um trabalho equilibrado e competente, que ela tem exercido bem, com o aprendizado da arte de engolir sapos.

Criou-se a visão de um Brasil movido apenas por interesses expansionistas, sem nenhum verdadeiro espírito de cooperação e com uma exacerbada gula. Isso contrasta com nossa posição de nunca quisermos ser hegemônicos, mas evidentemente não importa em vestir a camisa de fraco. O futuro não nos perdoaria.

Na última eleição argentina, o grande chamariz era bater no Brasil, condenar o Mercosul que só estava acabando com o país. Os presidentes dos dois países não deixaram que isso contaminasse nossas relações.

Não podemos deixar o avanço do antibrasileirismo tornar-se moda continental

Na Bolívia, o Brasil está no banco dos réus, com a fácil descoberta de um inimigo para desviar a discussão dos verdadeiros problemas internos. Evitar a in-

vasão brasileira é a bandeira.

No Paraguai, a latente questão de Itaipu está no centro das discussões da sucessão. O Brasil é o vilão. O bispo Fernando Lugo, o mais forte candidato nas pesquisas, tem na oposição ao Tratado de Itaipu a bandeira máxima. E a demagogia se encarrega de fazer prosperar essa posição, logo seguida pelos outros contendores.

No Equador, coloca-se a acusação de um Brasil invasor na Amazônia equatoriana tomando ilegalmente seus campos de petróleo. E em seguida prega-se o cancelamento das concessões à Petrobras dos blocos 18 e 31, e do campo Palo Azul.

Na Venezuela, o presidente Chávez tomou a decisão de fazer do país uma potência mili-

tar, com a compra de nove submarinos, oito corvetas, 24 caças Sukhoi-30, 35 helicópteros de combate, um sistema de mísseis Tor-M1, 100 mil fuzis Kalashnikov e uma fábrica deles. O projeto é investir US\$ 60 bilhões em armas, nos próximos dez anos.

Só o carisma e prestígio, a habilidade e visão do presidente Lula têm evitado confrontos. Sua política de cooperação é certa. É da tradição brasileira e é melhor assim.

O que não podemos é deixar o avanço do antibrasileirismo como moda continental.

Nossa diplomacia tem sido competente em não aceitar lutas, mas esse cerco ao nosso país tem de ser revertido.